

TD – Uma Utopia Pragmática

Ignacio Gerber

... tenho acompanhado minha vida com grande interesse...

Sim, um pouco como quem acompanha uma novela; não com o mesmo distanciamento seguro mas com algo da mesma qualidade. Claro que sincronicamente estou vivendo minha vida e tantas vezes com grande intensidade. Uma sensação de *contemplan* a própria vida à medida que ela se desenrola, um pouco protagonista, um pouco observador, transitando continuamente entre essas duas vivências peculiares: em uma delas sou totalmente envolvido pelo próprio ego, enxergo a “realidade” a partir de meus próprios olhos e até acredito que ela seja única. Em outra, observo de uma posição outra que me coloque a mim mesmo dentro de meu campo de visão, dentro da “realidade” que enxergo; uma relativização do ego – e atribuo ao termo ego todas as acepções, denotações e conotações que possam ocorrer ao leitor. Ao longo do tempo transito entre esses dois *modos de ser*, percorrendo variadas preponderâncias proporcionais de cada um deles. Acredito, porque eu sinto assim, que estas duas posições admitem um terceiro incluído – ou acolhido, como o chamei num texto anterior. Um terceiro “acolhedor”, porque acolhe essas duas visões numa trans-visão, uma visão transcendente de mim mesmo.

Freud inaugurou o método psicanalítico ao propor a atitude de “atenção flutuante” para a escuta psicanalítica – uma escuta impessoal na sua extrema pessoalidade, não seletiva, que não se deixe prender por preconceitos e expectativas pessoais, livre como só o inconsciente possa ser. Deixarmos que a lógica contraditória, paradoxal e infinita do inconsciente estabeleça toda sorte de correlações multidimensionais e nos desvele o sentido do momento vivido com nosso analisando, puro presente intuído no limiar de sua criação e existência. Lembrando porém que – parafraseando Pessoa – navegar é preciso, mas viver e psicanalisar não são precisos, são intuitivos. Bion (1897-1979), um psicanalista místico e disruptor, falava em “visão binocular” do psicanalista – com focos diferentes em cada ocular, acrescento eu. Ogden, encantador analista contemporâneo, fala no terceiro analítico – uma terceira visão

transcendente que emerge da relação analista–analizando, ou utilizando uma linguagem que se torna habitual, uma qualidade emergente. Penso que estamos todos falando aproximadamente das mesmas coisas. Basicamente de **desapego**, ou, com perdão do hífen tão usado que já se gastou, desap–ego. Uma relativização de si mesmo – um descentramento. Uma imersão sentida na impermanência dos tempos, dos espaços, de nós mesmos. Nada de novo diante das milenares filosofias pragmáticas orientais, passando por Heráclito entre outros, mas parece-me importante compartilhar transdisciplinarmente essa vivência pessoal de um sentimento de verdade absolutamente relativa (ou relativamente absoluta).

Foi isso que primeiro me ocorreu ao saber do tema: “atitude transdisciplinar”.

Se radicalizarmos agora o sentido de “disciplina”, poderíamos afirmar que cada ser humano é, em sua individualidade implicada, uma disciplina em si mesmo. Tanto que qualquer um de nós poderia perfeitamente se propor a escrever uma tese universitária sobre seus próprios princípios epistemológicos. Felizmente o pudor nos impede de fazê-lo mais amiúde. Admitindo-se (agradeço a tolerância formal) esse uso mais amplo do significante “disciplina” em prol de minha argumentação, podemos concluir que toda a comunicação entre dois seres humanos é basicamente transdisciplinar – aquilo que transcende as aparentes diferenças.

Para mim, a atitude transdisciplinar é uma cosmovisão, uma “weltanschauung”: uma visão de mundo que se manifesta numa atitude. Uma constante apreensão dialógica de dois sistemas lógicos irreconciliáveis num determinado nível de realidade, mas reconciliáveis numa dimensão emocional mais elevada. Como propôs o psicanalista Matte-Blanco, o inconsciente transita por dimensões superiores às nossas três ou quatro habituais. Poderíamos então dizer que **a atitude transdisciplinar transcende e reconcilia a pesquisa e a ação transdisciplinar**. Podemos senti-la como uma vivência de complexidade: a complexidade se transformando de um conceito para um *modo de ser*. Um modo de ser que incorpora os paradoxos e as contradições à nossa lógica vivida. Diante de qualquer pergunta a resposta será sempre precedida de um “depende!...”. Tudo depende de tudo! E eu nisso? Bem, depende...

Seguem-se duas ilustrações das trans-relações entre pesquisa, ação e atitude: uma no contexto psicanalítico e outra no contexto da sociedade brasileira atual.

Quando eu disse acima que Bion era um místico disruptor, quero lembrar que ele nasceu na Índia e lá viveu sua infância estruturante até os oito anos de idade, se abeberando da cultura milenar de sua *ayah* indiana. Quase meio século depois, ele adentra o meio psicanalítico num momento em que a psicanálise corria o risco de se tornar a mais disciplinar entre as disciplinas. Já Freud, ao postular nosso inconsciente, teve que se defrontar com enormes resistências externas e lutou tenazmente para delimitar a especificidade da psicanálise, mas em nenhum momento cogitou de fronteiras rígidas com as suas inumeráveis interfaces e nem propôs regras imutáveis ou certezas definitivas. Bion, por sua vez, percebe as resistências internas dos psicanalistas: discussões em torno de quem detém a verdadeira ou a melhor psicanálise, lutas pelo poder, estruturas hierárquicas, convivência com a burocracia e o mercado, sociedades, escolas, grupos, causas, partidos, etc. Bion equacionava a arrogância com a estupidez. Arrogância pensada como incapacidade de interagir com o novo, o desconhecido; recusar o que não se entende, o estranho, o estrangeiro. Aferrar-se a suas limitadas certezas é o que impede de aprender com o outro. Sem qualquer pretensão, penso que Bion veio propor uma visão biauricular sobre a própria psicanálise. Para compreendê-la é preciso ter desenvolvido a *fé* numa visão cósmica complexa, permeada por infinitos níveis de realidade.

Como exemplo da tentativa de atribuir uma prática a essas idéias, vou descrever a organização adotada no Congresso Internacional Bion 2004, realizado no Brasil. Como reação aos congressos habituais no meio psicanalítico, onde predominam as articulações políticas, jogos de poder, hierarquização de funções, conferências magistras, etc., optou-se por uma absoluta igualdade formal entre os participantes. Todos eles, inclusive as estrelas, bancavam seu transporte e estadia. Os participantes foram divididos em grupos de quinze a vinte pessoas e a cada dia era proposto um tema geral, discutido dentro do grupo ao longo de várias reuniões, o que tornava possível discutir, aprender e principalmente conhecer os seus pares. A cada dia mudavam-se os grupos, o que permitia a convivência com um maior número de pessoas. As estrelas eram distribuídas aleatoriamente pelos grupos e deles participavam horizontalmente. Claro, a mescla restante dava-se nos corredores e eventos sociais. Não estou propondo esta fórmula como solução genérica. Pelo contrário, cada encontro tem suas especificidades, suas dimensões, seu momento, sua função. Posso adiantar que dentro de suas intenções, o congresso descrito funcionou e produziu efeitos.

Um outro exemplo, triste mas esperançoso, é o que estamos vivendo no Brasil, perplexos diante do cair das máscaras por todos os lados do salão após um baile que já dura séculos. Quando ouvimos parlamentares inquirindo réus e testemunhas nos espetáculos televisivos das CPI's, percebemos que é dispensável informar quais os seus partidos. Eles se transformam em promotores ou advogados de defesa (ou mesmo juizes *ad-hoc*) ao sabor dos interesses pessoais ou partidários. Poucos se permitem uma visão terciária das questões propostas. Parodiando a cruel colocação de Von Clausewitz, general prussiano: “compreender as razões do inimigo já é quase perder a guerra”. Devaneio então uma utopia onde protagonistas das CPI's se permitem falar impessoalmente sem “rabos presos” preconceitos e expectativas. Imagino até o efeito dominó (ou avalanche) sobre o conjunto de nós mesmos, povo brasileiro.

Para encerrar, segue-se uma citação extraída de meu texto constante de um livro do CETRANS, a ser lançado nesse encontro:

“(...) utopias pragmáticas seriam utopias viáveis, ainda que num prazo incerto, pois elas certamente provocarão resistências tenazes dos que temem a mudança, qualquer mudança, mas assim como no exemplo da psicanálise, essas resistências podem nos ajudar a pensar as próprias utopias. Não abrir mão delas mas repensá-las constantemente, pois pensamentos estabelecidos se desgastam. Por outro lado, se a utopia proposta for absorvida com facilidade e sem maiores resistências, devemos nos preocupar e repensá-la mais ainda porque essa absorção poderá esterilizá-la, minimizando seu efeito disruptivo. Ou seja, só podemos pensar o conjunto utopia-resistência como uma mônada inseparável. Uma idéia nova, realmente nova, nos obriga a pensar, reavaliar, a olhar criticamente nossos pressupostos, a enfrentar incertezas, possíveis mudanças radicais num esquema confortavelmente estabelecido, enfim, tudo aquilo que tememos. Pois tememos aquilo que não conhecemos ou não compreendemos e apenas o desconhecido é totalmente novo. Para enfrentar uma nova verdade – mesmo as pequenas verdade cotidianas de cada nova experiência emocional – se faz necessária tolerância à frustração de ter nossas verdades pessoais contestadas, o que implica em diminuir a importância de nosso ego individual; uma tentativa de nos relativizarmos para nos harmonizarmos com o todo. (...) Corremos todos o mesmo risco, inclusive nosso incipiente movimento transdisciplinar. Como avaliar nossos resultados? Penso que, dentro da lógica transdisciplinar, a melhor medida possível para aferir em que nível o pensamento transdisciplinar permeia nosso grupo do CETRANS é através das relações afetivas e do respeito intelectual entre seus membros. E mais além, entre nós e os

outros. A transdisciplinaridade é um modo de ser e não apenas um modo de saber, e uma das maneiras pelas quais as resistências conservadoras tentarão neutralizá-la será aceitando-a desde que reduzida a um saber.”